

1882-2012
130 ANOS DO
NASCIMENTO

ANTÓNIO DOS SANTOS GRAÇA

Biblioteca
Municipal
Rocha
Peixoto



A Biblioteca Municipal assinala os 130 anos do nascimento de António dos Santos Graça, entre 16 de Janeiro e 16 de Novembro, através de iniciativas culturais e pedagógicas, nomeadamente um ciclo de mostras documentais que visam dar a conhecer as múltiplas facetas da vida e da obra deste poveiro ilustre.

Esta segunda mostra apresenta a *família Santos Graça*: os filhos e o seu percurso profissional no comércio das fazendas, sem nunca esquecer a sua herança familiar de pescadores e banheiros.

São apresentados textos e documentos, fotografias e recortes de imprensa provenientes do espólio de Santos Graça e do fundo da Biblioteca Municipal.

A FAMÍLIA

Casamento

O CASAMENTO

A. Santos Graça

O Poveiro casa-se novo, entre os 18 e 22 anos, daí o começar bem cedo a namoriscar as belas raparigas da classe, lindas feiticeiras de olhos negros, sonhadores, acostumados a contemplar a imensa vastidão onde navega o amor dos amores!...

[...]

Todas as noites que o mar e o mau tempo lhe proibem a sua faina marítima, ei-lo junto da sua namorada a conversar. Ela de dentro de casa, deixando ver pelo postigo o seu lindo palminho de rosto sedutor... e ele, junto à ombreira, de fora, embebido no doce olhar da sua amada, vai-lhe contando o ultimo desafio de remo que teve o seu barco na arribada do dia anterior, o cruzamento das suas redes no profundo... o seu amor!

E este idílio continua assim até que os pais julgam que é tempo de acabar, consentindo o casamento.

Obtido este, a união só se efectua depois de cumpridos os usos e costumes da classe.

O pai do rapaz-noivo, após o consentimento, dá-lhe um quarto do que ele, noivo, ganhar, para com que o seu produto os noivos, a pouco e pouco, irem fazendo as redes que lhe são indispensáveis para viverem independentes e amealharem algumas moedas para instalação do novo lar.

[...]

O que é certo é que, de uma forma ou da outra, o Poveiro não se pode casar sem que primeiro consiga adquirir o pecúlio bastante para conseguir comprar as redes exigidas para o trabalho.

É por isso que os noivos, do consentimento em diante, se coadjuvam mutuamente na aquisição dos novos bens.

Assim, enquanto ele no mar se esforça para que o seu quarto lhe dê o maior rendimento, ela, em terra, vai alisando o linho, fiando-o, torcendo-o, para assim mais facilmente se cumprir o preceito da classe.

Não admira pois que os serões poveiros sejam verdadeiros idílios, visto que as redes se fazem entremeadas de sorrisos de namorados e de cantares ao desafio, porque o Poveiro canta sempre, trabalhando.

Depois, durante esta temporada de noivado, a todas as festas predilectas da gente do mar não vai um sem o outro. O par há-de mostrar-se sempre unido. [...]

Segue-se, ao fim, a cerimónia religiosa. Os noivos vão e vêm da igreja separados.

Ela, entre as duas madrinhas, a dela e do noivo, abre o cortejo, vindo, depois, indistintamente, e atirando confeitos aos conhecidos e amigos, os convidados e o noivo. Distinguindo-se este por não trazer o guarda-sol ou bengala que todos os outros, para evitar confusões, levam sempre naquele acto. [...]

Eis o casamento do Poveiro: - belo pelo que encerra de interessante e pitoresco nos seus usos e ainda digno pelo ensinamento que traduz o seu espírito de previdência.

Casamento de Maria d' Assunção Rodrigues Maio com António dos Santos Graça a 12 de Julho de 1899. Cliché da Fotografia Evaristo, Póvoa de Varzim, 1899.



CORAÇÃO POVEIRO

João Francisco Marques

António dos Santos Graça casou cedo, andando pelos dezassete anos feitos, antes mesmo da idade de “ir a sortes”, ou seja, à comparência ao exame para o serviço militar. A noiva escolhida, Maria d’Assunção Rodrigues Maio, também do clã piscatório, era costureira e um pouco mais velha, pois completara dezanove anos. Em 1900, nasce-lhe o primeiro dos filhos que teve da esposa e estreia-se no jornalismo local, como redactor do *Povoense*, onde se manteve até 1904. [...]

Aos vinte e um anos, estabeleceu-se por conta própria, no ramo em que se empregara, abrindo na Praça do Almada, n.º 53 (Portão Largo), a *Loja do Amarelo*, que ali se manteve até 1905, dedicada à venda de fazendas de lã, seda, algodão, miudezas

nacionais e estrangeiras. Conforme anúncio da época, estampado em *O Comércio da Póvoa de Varzim*, o sortido, variadíssimo, contemplava panos crus, cachinés e cobertores de lã, sem faltar, como se esperaria, fazendas da serra, indicadas para gente do mar. A mudança, ocorrida naquele ano, deu-se para o largo de S. Roque, daí se transferindo, pela vez última, para a rua da Junqueira, onde fica hoje a Casa das Novidades, com porta ao lado para acesso ao primeiro andar, reservado à sua residência particular em que viria a falecer.

in António dos Santos Graça (1882-1956): *Coração Poveiro*. Separata do *Póvoa de Varzim Boletim Cultural*. Vol. XXXVIII (2003), p. 8-9.

Casa onde residiu Santos Graça à rua da Junqueira, 5. No rés-do-chão, esteve instalada na última fase a sua loja de fazendas, espaço hoje ocupado pela Casa das Novidades.

Foto José Flores, Póvoa de Varzim, 2003. Publicada em Marques, João Francisco - António dos Santos Graça (1882-1956): *Coração Poveiro*. Separata do *Póvoa de Varzim Boletim Cultural*. Vol. XXXVIII (2003), p. 95.

Anúncio da Loja de Fazendas de Santos Graça, publicado n.º *O Comércio da Póvoa de Varzim*. Ano I, n.º 49 (03 Nov. 1904).



Família

FILHOS DE ANTÓNIO DOS SANTOS GRAÇA E MARIA D'ASSUNÇÃO RODRIGUES MAIO

Armindo Maio dos Santos Graça (13.09.1900-26.02.1986)

Américo Maio dos Santos Graça (03.02.1902-19.11.1972)

Maria da Assunção Maio Graça (17.07.1904-10.02.1987)

Alfredo Maio dos Santos Graça (12.08.1906-29.12.1969)

António Maio dos Santos Graça (13.02.1909-15.03.1971)

Maria Primavera Maio dos Santos Graça (04.12.1910-05.07.1984)

Maria Alice dos Santos Graça (23.11.1914-13.06.2010)

Aníbal Maio dos Santos Graça (21.09.1916-09.03.1966)

(informação recolhida no artigo de João Francisco Marques – António dos Santos Graça (1882-1956): Coração Poveiro. Separata do *Póvoa de Varzim Boletim Cultural*. Vol. XXXVIII (2003), p. 8)



António dos Santos Graça e Maria d'Assunção Rodrigues Maio com os filhos, em 1923.
Cliché da casa de Fotografia Avelino Barros (Póvoa de Varzim). Espólio Santos Graça
(Biblioteca Municipal Rocha Peixoto).



van de Varty

Arthur B. B. B.

Do grupo a "Bivida",
com minha "Bivida".
Póvoa - Janeiro 1923
A. Santos Graça
Assunção, Póvoa

- 1920 -

Siglas da família

A IDENTIFICAÇÃO DOS PERSONAGENS...

Óscar Figueiro

Ao terminar mais este trabalho de homenagem a Santos Graça, aproveitei a oportunidade para explicar a génese do seu «ex-libris».

O «ex-libris» escolhido pelo autor d'*O Poveiro* para figurar na primeira página do seu livro *Inscrições Tumulares por Siglas* e em sobrecapa de seu outro livro *Epopeia dos Humildes* editados respectivamente, em 1942 e 1952 na Póvoa de Varzim, não foi explicado por Santos Graça, nem pelos estudiosos. Apoiado no seu livro *O Poveiro*, e na «Árvore genealógica» de Santos Graça por mim publicada em 1982, encontrei a ligação com os seus antepassados e deduzi a explicação para as siglas que escolhera.

As duas «marcas» ou siglas que por ele foram utilizadas aparecem reproduzidas n'*O Poveiro* como tendo estado gravadas nas portas das seguintes capelas: de Santa Cruz de Balasar (conselho da Póvoa de Varzim) e de Santa Tecla, em La Guardia (Tuy), na Galiza.

Na de Santa Cruz de Balasar, vemos assinalada, duas vezes, a sigla $\begin{smallmatrix} \diagup \\ \times \\ \diagdown \end{smallmatrix}$; e na de Santa Tecla, vemos assinalada, uma vez, a sigla $\begin{smallmatrix} \times \\ \text{H} \\ \times \end{smallmatrix}$.

A primeira destas «marcas» foi atribuída por Santos Graça aos *Amarelos* e consta de «mastros e verga içada e cruz ao centro do mastro»; e a segunda foi atribuída aos *Giesteiras*, e apresenta «calhorda com dois piques a meio».

Quer num caso, quer no outro, há diferenças de pormenor em relação ao «ex-libris», entre os sinais expressos como figurando nas portas acima referidas e ao mesmo tempo constantes no quadro de identificação, publicado n'*O Poveiro*.

Ao consultar esses sinais constatei que os «*Amarelos*» correspondiam aos apelidos «Santos Graça» e os *Giesteiras* aos Rodrigues Maio.

Portanto, em princípio, Santos Graça pareceria descendente destas duas famílias, o que não acontece na realidade, como demonstrei na investigação dos seus antepassados, desde os fins do séc. XVII.

O primeiro ascendente a ter alcunha de *Amarelo* foi seu pai, João dos Santos Constantino, pelo que esta alcunha não pertencia ao ramo «Santos Graça» (como divulgou o autor d'*O Poveiro*), mas sim ao ramo «Santos Constantino», a que ele atribuiu a alcunha de *Rosmaninhos*, o que deverá ser considerado como excepção.

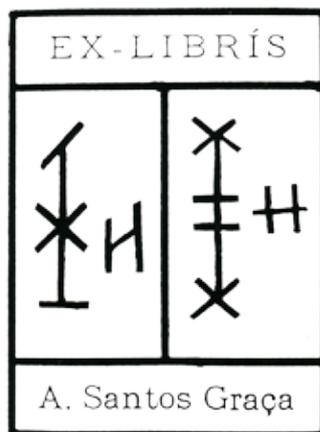
As investigações efectuadas não confirmaram qualquer relação entre a família «Santos Constantino» e *Rosmaninhos*, alcunha esta que já se tinha fiscado como apelido.

Com Santos Graça tem início mais uma família a ostentar tais apelidos, dado que já existia na Póvoa de Varzim, a partir do séc. XVIII a autêntica e verdadeira família assim denominada (que não entrou na sua ascendência).

A troca de Constantino por Graça deve-se à adopção do apelido do padrinho, constituindo uma excepção ao uso poveiro, como o próprio Santos Graça o corrobora.

Se as siglas escolhidas para o «ex-libris» são de antepassados seus, então, pergunto, como as herdaram?

Sabemos através da sua «Árvore genealógica», que um dos bisavós maternos, o João Bernardo, o *Ablemar*, era mestre lan-



chão em 1834 e 1851 e possuía uma filha, de nome Antónia Francisca (n. 1808 e f. 19/5/1906), de quem Santos Graça, n'*O Poveiro*, afirma ser «uma velhinha que morreu centenária» e que lhe servira de informadora.

Aconteceu que o neto daquele seu bisavô materno, de nome João Bernardo Martins, foi alcunhado de *Come-Pilados*, cuja sigla $\begin{smallmatrix} \diagup \\ \text{H} \\ \diagdown \end{smallmatrix}$ (mastros e verga içada), foi herdada do respectivo avô, já referido. Este *Come-Pilados* era primo da mãe de Santos Graça, Maria Francisca, a *Marucas*.

Quanto à sigla $\begin{smallmatrix} \times \\ \text{H} \\ \times \end{smallmatrix}$ terá sido herdada de seu avô paterno, Francisco dos Santos Constantino, que a recebeu de sua mulher, Ana Rosa, filha de Ana Maria (Fernandes Troina), como adiante apresentarei.

A este seu avô, Santos Graça atribuiu a alcunha de *Fernandes* e mudou-lhe o nome para Francisco dos Santos Graça, quando em boa verdade era Santos Constantino, apelidos estes que foram transmitidos a seu pai.

Pel'*O Poveiro* constatamos que os *Fernandes* utilizaram a sigla $\begin{smallmatrix} \times \\ \text{H} \\ \times \end{smallmatrix}$ (calhorda, dois meios piques a meio da calhorda e grade de quatro piques). Assim, Santos Graça terá substituído os «meios piques» por «piques inteiros», e diminuiu um pique à «grade», por razões que não conheço.

Relativamente ao sinal de três «piques», que no «ex-libris» acompanha a sigla dos *Amarelos*, só se me deparou um semelhante, mas não igual, na parte inferior, e do lado esquerdo, da porta da capela de Santa Cruz de Balasar. Este sinal é assim denominado: «dois piques e um por riba».

Desconheço se os antepassados de Santos Graça foram identificados pelas siglas que apresentavam nas suas pedras tumulares, e se o seu «ex-libris» foi recolhido nas respectivas inscrições. Porém, poderá ser sintomático o facto de Santos Graça ter iniciado a utilização do seu «ex-libris» na obra que dedicou ao tema das pedras tumulares.

Memórias de Santos Graça

OS APELIDOS OU ALCUNHAS

S. G.

O meu amigo João Gonçalves de Castro, que por este nome ninguém conhece, zangou-se porque o tratei pelo apelido ou alcunha de família a propósito dum acto seu que visou à perpetuidade da sua passagem por este mundo de Cristo.

Devia-mo agradecer. Sendo o seu acto de piedade cristã, constante apelo à súplica pelas almas do Purgatório, só o conhecimento de quem o praticou é que pode perpetuar-lhe o nome. E como dar esse conhecimento ao público sem ser pelo apelido, porque somos todos conhecidos? E assim segue de geração em geração até ao fim do mundo. Não era isso que a Mêsá da Confraria queria que se soubesse?

Não há apelidos feios, nem bonitos, porque isso depende da lisura, honestidade e virtude que a tradição oral deles traga até nós. Só isto é que lhes dá simpatia ou repulsa no conceito público. E a do meu amigo João Castro só o honra. Gente humilde, como a minha, mas boa gente, honrada e digna.

[...] Quando me estabeleci, a minha preocupação foi de que a Grei soubesse de quem era a loja e a todo o comprimento uma taboleta tinha escrito o apelido da minha família. E eu creio, firmemente, que o meu amigo João Castro quando de mim quer

falar, para que melhor o compreendam de quem se trata, diz sempre «o Graça Amarelo» e não Santos Graça. E com isso só me sinto honrado, porque me lembra o empenho e a luta que comigo travou o meu querido pai para me arrancar à negra e duríssima vida do mar que eu tão apaixonadamente queria seguir e que sem a sua tenacidade eu não estaria hoje na situação em que estou a conversar com os meus leitores. Aquela «Vida Dura» da «Epopéia dos Humildes» diz bem do amor de um pai...

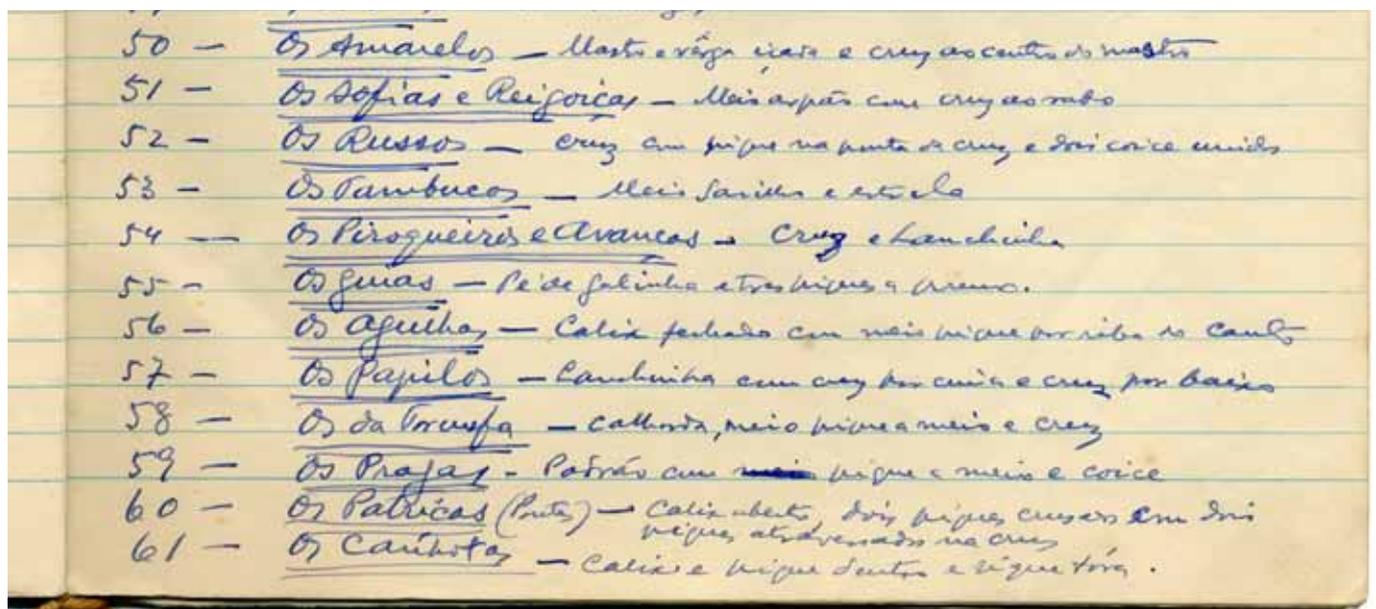
O zangado meu amigo João Castro é capaz de chamar ao seu colega na Junta, *João Liro*—e não João da Silva Sencadas, que é o seu nome. Porquê? Porque João Liro é conhecido por toda a Póvoa. E sente-se honradíssimo porque os seus «maiores» tornaram lendário este apelido, dignificando-o na história trágico-marítima da nossa terra.

Não há, pois, apelidos ou alcunhas bonitos nem feios.

Nos cartões de gente d'Algo há sempre por baixo dos nomes os apelidos dos antepassados porque são conhecidos. [...]

in *O Comércio da Póvoa de Varzim*. Ano 52, n.º 8 (26 Fev. 1955), p. 1.

Manuscrito de António dos Santos Graça para a obra *Inscrições tumulares por siglas*, de 1942, no qual corresponde vários apelidos poveiros com as respectivas siglas, devidamente descritas. Espólio Santos Graça (Biblioteca Municipal Rocha Peixoto).



Espólio Santos Graça: as tipologias documentais



Catálogo elaborado para a mostra documental *António dos Santos Graça: a Família* – Fev. 2012

Os conteúdos editados neste catálogo estão disponíveis em <http://ww.cm-pvarzim.pt/biblioteca/>

COORDENAÇÃO EDITORIAL Manuel Costa
PESQUISA DOCUMENTAL Ana Costa, Lurdes Adriano e Manuel Costa
DESIGN E PAGINAÇÃO Andreia Figueiredo